IDEAS LLYC

EXPLORAR. INSPIRAR.

ARTIGO

A SEXTA LINGUAGEM: UM NOVO CÓDIGO PARA OS NATIVOS DIGITAIS

Madrid, 14 de Novembro, 2019

LLORENTE Y CUENCA

Os nativos digitais, de acordo com uma pesquisa mundial da Cisco[1], são pessoas que valorizam o acesso à Internet tanto quanto o ar que respiram, a casa em que vivem e os alimentos que comem (56% de respostas positivas), e não poderia viver sem ela (60% de respostas positivas). Suas vidas são organizadas simultaneamente entre as conexões de rede, as telas sensíveis ao toque, as conexões sem fio e os objetos e pessoas que os cercam. Eles não são melhores nem piores, apenas diferentes, muito diferentes. Neurologicamente e, em breve, antropologicamente diferentes.

De 1995 até hoje, o mundo mudou e, naturalmente, nossos alunos também mudaram. A mudança não foi produzida por uma única plataforma, nem por uma única pessoa. Foi produzida pela convergência de acontecimentos que foram ocorrendo e sendo gerenciados isoladamente entre os anos 60 e 70, e que se encontraram a partir dos anos 90.

A Internet havia sido criada alguns anos antes de 1995 e, naquela época, embora já tivesse cerca de 15 milhões de usuários, havia bons argumentos para pensar que era um fenômeno puramente norte americano, uma vez que 85% dos usuários eram desse país. No entanto, alguns anos depois, em 1998, estudantes de doutorado da Universidade de Stanford, Larry Page e Sergei Brin, criaram a empresa Google Inc., com um mecanismo de busca como o único dispositivo de uso gratuito e com a missão de "organizar a informação mundial para torná-la universalmente acessível e útil".

Não foi o primeiro mecanismo de busca que o Vale do Silício viu nascer (Alta Vista nasceu em 1995), mas foi o que mudaria para sempre a organização e o tráfego de informações no mundo. Também na década de 90, nasceu o software livre e de código aberto Linux (1991), a loja on-line da Amazon, de Bezos (1994), a plataforma de leilões via Internet eBay (1995), Netflix (1997), PayPal (1998), Napster (1999), Survey Monkey (1999), Salesforce (1999), Alibaba (1999) e Decolar (1999), para citar alguns. Obviamente, o nascimento dessas plataformas de negócios que rodam na Internet ocorreu em um

[1] "The Cisco Connected World Technology Report," Sept. 21, 2011.

clima de euforia do mercado de ações, que parou abruptamente a partir de março de 2000, com a explosão da "bolha pontocom".

Após o epicentro do colapso do valor na bolsa das novas empresas de base tecnológica, em 2001, Jimmy Wales e Larry Sanger deram vida a outro projeto igualmente absurdo para algumas das plataformas pré-crise: uma enciclopédia on-line, gratuita e universalmente acessível, cujo conteúdo pode ser criado, corrigido e supervisionado de forma colaborativa por uma comunidade de usuários não especialistas que decidam se interessar por ela. A enciclopédia Wikipédia, lançada pela Fundação Wikimedia, propôs desde a sua origem a missão de "empoderar e envolver pessoas de todo o mundo para coletar e desenvolver conteúdo educativo sob uma licença gratuita de domínio público e divulgá-la efetivamente em todo o mundo". Com uma pequena estrutura organizacional e administrativa, sem publicidade ou parceiros capitalistas, e financiada através de micro doações, esta sorte repentina em direção ao DNA da revolução industrial, como é a construção enciclopédica do conhecimento, começou a rodar.

Em 2004 nasceu o Facebook e, no ano seguinte, o YouTube, duas iniciativas bem enraizadas na ideia de uma sociedade que já começava a conectar, compartilhar, marcar e produzir conteúdo on-line e, tomando o que foi feito pelas redes sociais anteriores (Sixdegrees , Friendstair, MySpace), foram montados em uma comunidade de usuários da Internet que já alcançava 500 milhões, oferecendo a eles interfaces ágeis e limpas, de acesso e navegabilidade simples e conteúdo social, simples e divertido. Com o tempo, este último se tornou o ABC das redes sociais: a exigência de ser social, simples e divertido.

Entre a Wikipédia e essas redes, descobrimos mais tarde que o número de telefones celulares no mundo excedeu, pela primeira vez e após um reinado de 125 anos, o estoque de linhas fixas, atingindo 1.100.000.000 unidades. E ainda não haviam chegado nem mesmo os smartphones, nem a massificação da banda larga no mundo.

Enquanto a onda continuava a crescer e a vertigem se acelerava, a revista Time decidiu homenagear os internautas em sua edição especial da pessoa do ano de 2006. Na capa, você lê "You" (você) na tela de um computador e, abaixo, uma legenda indica: "Sim, você. Você controla a era da informação. Bem-vindo ao seu mundo". Nesse mesmo ano, nasceu o passarinho da plataforma de microblogging do Twitter e o serviço de streaming de música Spotify, enquanto Julian Assange deu vida ao WikiLeaks. Hoje se sabe que essas plataformas ultrapassaram instituições de longa data, modificaram a dinâmica da discussão política e colocaram muitos governos, empresas e convenções "de joelhos". Mas na época de seu nascimento, poucos puderam prever um impacto tão transformador e, menos ainda, pensaram que isso aconteceria em um período tão curto de tempo.

De 1995 até hoje o mundo mudou e, naturalmente, também mudaram os nossos educandos"

E, como se isso não bastasse, em junho de 2007 a empresa Apple lançou ao mercado o iPhone, o primeiro telefone verdadeiramente inteligente e precursor de uma ampla categoria de dispositivos, incluindo todos os tablets com tela sensível ao toque. Apenas alguns meses depois, a Amazon lançou sua primeira geração de leitores de livros eletrônicos, o Kindle. Em 2008, nasceu a empresa Airbnb, colocando em xeque o setor de hotéis e, em 2009, o Uber fez o mesmo com o setor de transporte terrestre de passageiros. Também naqueles anos, apareceu o sistema operacional Android, que mais tarde ocuparia 80% do mercado de sistemas operacionais de telefonia celular em todo o mundo, e o protocolo bitcoin, uma "quase-moeda" apoiada pela tecnologia blockchain, que é, a cada ano, mais conhecida e menos compreendida.

Como era lógico supor depois de enumerar brevemente esses fatos e nascimentos, em 2010, após 305 anos de história, o padrão comercial on-line em jornais de todo o mundo excedeu pela

primeira vez o padrão produzido em jornais de papel e, dois anos depois, após 244 anos de vida, a Enciclopédia Britânica anunciou que pararia de ser impressa.

No momento em que escrevemos essas linhas, temos cerca de 4,5 bilhões de internautas que acessam a Internet diariamente (embora a penetração da Internet na Ásia mal chegue a 54% e na África ainda não atinja 40%), a Wikipédia está alcançando 40 milhões de artigos em mais de 290 idiomas diferentes (apesar da resistência que continua a encontrar no mundo adulto), o Facebook tem um valor de mercado superior a 500 bilhões de dólares em apenas 15 anos de criação, o total de smartphones chega a 4 bilhões, o YouTube recebe mais de 500 horas de vídeos novos a cada minuto e o Google tem carros autônomos e confessa que sua área do Google Brain cruza todos os projetos importantes da empresa transversalmente. Além disso, a Amazon, que em 2014 anunciou o início da distribuição de livros por meio de drones, anunciou em 2017 o lançamento de uma ferramenta on-line para professores do ensino fundamental, demonstrando seu interesse em se aventurar em soluções educacionais.

Pense que a Microsoft (1975), Apple (1978), Amazon (1994), Google (1998) e Facebook (2004) são as maiores empresas do mundo em valor de capitalização de mercado. As cinco foram as principais protagonistas deste novo mundo emergente e todas olham para o conjunto de atores, instituições e práticas educacionais como uma área a ser reinventada.

Não é necessário ser muito perspicaz para verificar a tensão existente nas instituições de ensino em qualquer um de seus níveis. Isto não é, de forma alguma, um ataque a esta ou aquela instituição, país ou formato, mas sim um reconhecimento explícito do que é óbvio aos olhos de toda a sociedade.

Em qualquer blog, você pode encontrar uma lista de coisas, situações e práticas escolares que se mostram obsoletas para o século XXI e que devem nos fazer refletir. A lista inclui as salas de computadores, os espaços de construção das salas de aula isolados, a ausência de Wi-Fi em todos os cantos de uma escola, a proibição de usar smartphones e tablets nas aulas, a presença de um diretor de tecnologia com um perfil de acesso como administrador e visualizador geral do sistema, escolas sem perfis ativos nas redes sociais, bibliotecas tradicionais ou aulas para adolescentes a partir das 8h! A lista tem mais provocação do que futurologia e, portanto, devemos refletir sobre ela.

A escola, como a universidade, tem manifestações claras e diárias dessa tensão, que ultrapassam as costumeiras (e condenáveis, é claro) situações de violência física, verbal ou psicológica que convive com intensidade as 48 horas de cobertura oferecidas pela mídia e que incluem egoísmo, desinteresse, falta de amor e solidariedade, distanciamento de normas essenciais de convivência e conduta e, acima de tudo, falta de respeito à autoridade.

Um território particularmente incerto e tratado erroneamente por adultos se relacionada à linguagem. Se existe uma condição que distingue a espécie humana, é sua capacidade de desenvolver sistemas de comunicação que moldam e transformam seu pensamento. A linguagem (não o idioma) permite a conceituação, abstração e reflexão. Por meio dela, a espécie humana aumenta suas chances de dominar o meio ambiente e se beneficiar dele. Os animais

também possuem sistemas de comunicação, embora rudimentares, limitados e estáticos, que atingem no máximo cerca de 50 combinações de sons e gestos. Ao contrário, o ser humano possui um sistema de comunicação generativo, com infinitas formas de combinação, que lhe permite compor, decompor e reorganizar os significados e formatos à vontade. A linguagem do homem é como um tipo de organismo vivo e dinâmico que cresce, se modifica, evolui e se torna sofisticado permanentemente. Que a "l'Encyclopédie" de Diderot tenha consolidado todo o conhecimento da época em apenas 74 mil definições em pleno iluminismo francês e que a Wikipédia hoje abrigue dezenas de milhões de definições, alguma pista está nos mostrando sobre a maneira com que a nossa raça usa esse instrumento chave para nossa sobrevivência. A linguagem, portanto, não apenas nos comunica e nos informa, mas principalmente nos coloca em diálogo com o ambiente de problemas, conflitos, convenções, heranças, desafios e oportunidades.

"Os jovens e adolescentes nativos digitais irão sofisticar ainda mais a sua destreza para utilizar com êxito códigos culturais e linguagens"

Segundo Logan, físico do MIT e discípulo do professor Marshall McLuhan, a evolução da linguagem é apresentada como uma cadeia sequencial contínua, com a linguagem oral aparecendo como a primeira forma de comunicação e informação (o autor concede esses dois sentidos à linguagem), a escrita e a matemática então aparecendo por volta do ano 3.500 a.C., seguidos pela ciência, que apareceu por volta do ano 2.000 a.C., e então o grande salto no tempo em direção à linguagem computacional, em direção aos anos 50 do século XX, finalmente alcançando a linguagem da Internet, surgida no início do século XXI. As considerações do autor o levaram a postular firmemente que a educação deveria estar basicamente preocupada em e envolvida no desenvolvimento das habilidades necessárias para o uso de todas as formas de linguagem disponíveis o tempo todo. Portanto, de acordo com Logan, o aparecimento nos últimos 70 anos de duas novas formas de linguagem deveria ser absorvido por e integrado ao sistema educacional.

Por seu lado, a autora Edith Litwin, nos convida a pensar na linguagem do chat como uma decomposição dos gêneros literário, narrativo e conversacional. Ela afirma que o chat, a sexta linguagem de Logan, é a mais fragmentada e conversacional de todas as linguagens escritas. Pense por um momento: quando você lê que seu filho escreveu uma mensagem na linha do tempo ou no perfil da sua rede social, você sente que está de frente a uma peça escrita ou ao fragmento de uma conversa? Eu penso o mesmo que você, mas crianças e adolescentes não. Acontece que quando eles começam um chat, estão conversando e, portanto, tomam as mesmas liberdades e concessões que você e eu tomamos quando conversamos oralmente. Você entende o conflito de significados e práticas que mantêm educadores e alunos em tensão?

Os jovens e adolescentes digitais nativos refinarão ainda mais suas habilidades para usá-las com sucesso, não muitas ferramentas, plataformas e tecnologias, mas códigos culturais e linguagens. Na medida em que o sistema educacional não levar isso em sua devida conta e fizer os ajustes do caso, ele não terá outra opção a não ser abrir espaço para dar origem a outros formatos institucionais mais adaptados às necessidades, práticas e realidades desse momento.

AUTORES

Mariano Vila. Diretor-Geral da LLYC em Argentina. Dirigia a área de Assuntos Públicos da Edelman Argentina, onde trabalhou com clientes de diversos setores industriais em temas relacionados com a interação público-privada. É especialista em análise política e gestão de crises, e possui uma vasta experiência na gestão de interesses, o que o levou a se unir à LLYC como Diretor Sénior de Assuntos Públicos, em 2016. Algum tempo depois, assumiria a Direção de Operações da empresa na Argentina, encarregando-se também da área de Posicionamento e Liderança Corporativa. Havia dedicado grande parte da sua carreira à administração pública na Argentina, como assessor do Conselho Federal do Turismo, órgão do Ministério de Turismo da Nação. Após isso, desenvolveu um trabalho de promoção da Argentina no estrangeiro, com responsabilidades sobre os denominados "mercados distantes", bem como de coordenação da agenda interministerial da Argentina e das regiões do Cone Sul e Andes para a promoção dos países nesses mercados.

Juan María Segura. Membro do Conselho Consultivo da LLYC em Argentina e Presidente do Congresso de Educação e Desenvolvimento Econômico. Assessor, consultor e especialista em inovação e gestão de educação, Juan María Segura faz parte do Conselho de Assessores da LLYC na Argentina. Ocupou o cargo de Diretor Geral de Educação Digital do Ministério da Educação do Governo da Cidade de Buenos Aires (2010). Foi também Director Académico e Director do MBA da UADE Business School, na Universidad Argentina de la Empresa (2005-2009). Estudou Engenharia Agrícola na Universidade de Buenos Aires. Posteriormente, fez uma pós-graduação em Administração de Empresas na Universidade Austral da Argentina, outra em Economia e Ciência Política na ESEADE e outra em Artes em Políticas Públicas na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e Presidente
jallorente@llorenteycuenca.com

Alejandro Romero
Sócio e CEO Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Chief Strategy and Innovation Officer
acorujo@llorenteycuenca.com

Nazaret Izquierdo
Chief Talent Officer
nizquierdo@llorenteycuenca.com

Cristina Ysasi-Ysasmendi
Diretora Corporativa
cysasi@llorenteycuenca.com

Juan Pablo Ocaña
Diretor de Legal & Compliance
jpocana@llorenteycuenca.com

Daniel Fernández Trejo
Diretor de Tecnologia
dfernandez@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e Global Controller
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonieta Mendoza de López
Vice-presidente de Advocacy LatAm
amendozalopez@llorenteycuenca.com

ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor-geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e Diretora-geral
lgarcia@llorenteycuenca.com

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora-geral
mcura@llorenteycuenca.com

Óscar Iniesta
Sócio e Diretor Sénior
oiniesta@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madri

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sénior Esporte
e Estratégia de Negócio
amoratalla@llorenteycuenca.com

Iván Pino
Sócio e Diretor Sénior Digital
ipino@llorenteycuenca.com

David G. Natal
Diretor Sénior
Consumer Engagement
dgonzalezn@llorenteycuenca.com

Paco Hevia
Diretor Sénior
Comunicaçao Corporativa
phevia@llorenteycuenca.com

Jorge López Zafra
Diretor Sénior
Comunicaçao Financeira
jlopez@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Lisboa

Tiago Vidal
Sócio e Diretor-geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00

ESTADOS UNIDOS

Erich de la Fuente
Sócio e Chairman
edelafuente@llorenteycuenca.com

Mike Fernandez
CEO
mikefernandez@llorenteycuenca.com

Miami

Claudia Gioia
SVP Americas,
Business Development
cgioia@llorenteycuenca.com

600 Brickell Avenue
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nova Iorque

Gerard Guiu
Diretor de Desenvolvimento
de Negócio Internacional
gguiu@llorenteycuenca.com

3 Columbus Circle
9th Floor
New York, NY 10019
United States
Tel. +1 646 805 2000

REGIÃO NORTE

Javier Rosado
Sócio e Diretor-geral Regional
jrosado@llorenteycuenca.com

México

Juan Arteaga
Diretor-geral
jarteaga@llorenteycuenca.com

Rogelio Blanco
Diretor-geral
rblanco@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412
Piso 14. Colonia Juárez
Alcaldía Cuauhtémoc
CP 06600 Ciudad de México
Tel. +52 55 5257 1084

Panamá

Manuel Domínguez
Diretor-geral
mdominguez@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower
piso 9 Calle 57
Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor-geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Suite 702
Tel. +1 809 6161975

San José

Pablo Duncan - Linch
Sócio Diretor
CLC Comunicación | Afiliada LLYC
pduncan@clcglobal.cr

Del Banco General
350 metros oeste
Trejos Montealegre,
Escazú, San José
Tel. +506 228 93240

REGIÃO ANDINA

Luis Miguel Peña
Sócio e Diretor-geral Regional
lmpena@llorenteycuenca.com

Bogotá

María Esteve
Sócia e Diretora-geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. – Colômbia
Tel. +57 1 7438000

Lima

Gonzalo Carranza
Diretor-geral
gcarranza@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Carlos Llanos
Diretor-geral
cllanos@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero – Edificio World Trade
Center – Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

REGIÃO SUL

Juan Carlos Gozzer
Sócio e Diretor-geral Regional
jcgozzer@llorenteycuenca.com

São Paulo e Rio de Janeiro

Cleber Martins
Sócio e Diretor-geral
clebermartins@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390

Rio de Janeiro

Daniele Lua
Diretora Executiva
dlua@llorenteycuenca.com

Ladeira da Glória, 26
Estúdios 244 e 246 - Glória
Rio de Janeiro - RJ
Tel. +55 21 3797 6400

Buenos Aires

Mariano Vila
Diretor-geral
mvila@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8
C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Santiago de Chile

Francisco Aylwin
Presidente
faylwin@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801
Las Condes
Tel. +56 22 207 32 00

IDEAS **LLYC**

EXPLORAR. INSPIRAR.

IDEAS é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLYC.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

IDEAS LLYC é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe IDEAS LLYC.

llorenteycuenca.com
www.revista-uno.com.br